

1

Maria Teresa parou em frente ao boi vivo e arrancou sua careta. O animal perdeu seu sentido controlado de direção, mas não tinha mais como escapar. A mulher achava justo que a morte se apresentasse de frente. Quando ela encarava o boi, o sangue da vida ainda corria quente por baixo da sua carcaça.

Ambos entendiam a hora chegada. A vontade da mulher era dar vazão à sua mágoa. A vontade do animal, agora preso para o abate, um dia havia sido escapar. Mas a careta de couro que puseram nele, para o encaminhar com obediência até o abatedouro, o havia distraído dos seus sentidos de fera. Naquele ponto ela e ele tinham desejos, se entreolharam. Mas ela, dominante, tomou a direção do movimento e, com as costas do machado, acertou a primeira pancada na altura exata da cabeça que tombaria à sua dor. O boi tremeu. Outra porrada e a definitiva queda. Ele caiu sobre uma cama verde de folhas de bananeira, que havia sido feita para aquela cerimônia.

Em Mata Doce, matar boi era tradição de homem. Mas naquele alvorecer, Maria Teresa estreava uma nova tradição.

- A menina chegou.
- Maria Teresa?
- Sim, a filha das mulheres do lajedo.
- Deixa passar.
- Deixa?
- Deixa.

O orvalho daquela manhã umedecia o leito verde que recebia o peso do boi, aplainava em ondulosas curvas o ar que descansava sobre a queda. Maria Teresa respirou fundo. Pela primeira vez após o acontecido, a mulher conseguiu exalar o ar sem que a ponta das recordações a asfixiasse. O boi estava no chão. Toni de Maximiliana dos Santos, vaqueiro oficial daquele curral, disse:

— Agora é sangrar.

Maria Teresa enfiou a faca e puxou o corte da garganta até a papada. O sangue correu seu curso. A folha de bananeira fresca e orvalhada foi canteiro prestimoso para aquele infinito se esvair.

Nessas primeiras horas do retorno do giro do sol o brilho é de não tem jeito, a vida insiste. Aquela mulher enxergava os sombreados das curvas do tempo e por isso ela buscava se proteger das horas do meio do dia de sol a pino. Horário que o branco das injustiças faz mulher de visão perder o tino e correr desvairada. Mas Maria Teresa não correu, não. Maria Teresa ficou para matar bois.

— Quem tá no curral hoje?

— É Filinha.

— Quem?

— Maria Teresa, filha das mulheres do lajedo.

— O quê?

O vaqueiro nem pôde seguir com a resposta, o coronel Gerônimo Amâncio viu a menina sair do curral com um avental branco e a faca toda ensanguentada.

— Bom dia. Não sabia que a menina estava matando boi na minha propriedade.

— Estou.

— Com ordem de quem?

— Olhe a matança que eu fiz e depois volte pra implorar que eu siga meu serviço.

Maria Teresa, que agora era Filinha Mata-Boi, respondeu ao fazendeiro e seguiu caminho para o lajedo. No curral o boi já não era nem lembrança. As partes da carne, os cortes do couro tinham a precisão de uma máquina. Lai já havia recolhido os fatos e junto com Venâncio faziam a limpeza das partes na beira do rio.

— Quem aprontou essa pilhéria? — gritou o coronel Amâncio do meio do curral, duvidando que aquela menina, cria das mulheres das ruínas do lajedo, pudesse dar conta de nada.

— Foi Filinha, Maria Teresa, filha das mulheres do lajedo, seu Amâncio — repetiu Toni.

Amâncio arregalava o olho. Maria Teresa ria. Seguia no caminho de volta ao casarão com a faca exposta. O sangue finalmente secando. Ela rindo do desejado assombro que, sabia, começava a provocar. Seria a matadora de boi oficial daquelas terras.

Aquela disposição inquietou Gerônimo Amâncio, homem alvo, herdeiro de terras e medroso de futuro. O que seus ancestrais sempre lhe ensinaram foi que água se represa, terra se incendeia, árvore é para o corte, flor se arranca e gente se derruba na unha. Com fé no merecimento próprio, Gerônimo seguia a cartilha de sua linhagem familiar.

A presença inesperada daquela mulher no seu curral tocou na sua vaidade, que vinha magoada havia anos pelo desaparecimento do seu único filho homem. Filhas mulheres o coronel não contava como crias. Seu pesar se refletia naquela Mata-Boi, pois havia sido a mãe dela, a professora Mariinha, que um dia o chamou na estrada e lhe disse que havia visto, em sonho, que o menino dele morreria. E morreu. Tinha oito anos e foi levado pelas águas. A represa pouco e a água enxotou sua cria. Não teve jeito. O povo de Mata Doce foi lamentar a desapareção da pobre criatura.

A professora Mariinha pouco sonhava, naquela vez ela parou o carro do coronel e lhe deu esse alerta porque recebeu essa incumbência de seus Orixás. Com o passar dos acontecimentos da vida a professora compreendeu que essa intuição havia sido intriga do tempo.

Debaixo do que restava do roseiral, ela esperava o retorno da filha. O dia já estava de tudo amanhecido. O roseiral poderia até sonhar em reflorescer.

Um brilho apontou lá na subida do lajedo. Era ela. Sua menina.

— Maria Teresa! — Mariinha gritou e Tuninha surgiu na porta.

— Filinha! — Tuninha também chamava pela filha.

— Uh! — A menina respondeu ao longe.

As mães choraram. Era a primeira vez, após o dia daquele forte acontecimento, que a menina falava. Mariinha viu a faca na mão da filha.

— Ela matou Gerônimo Amâncio! — a mãe expressou alto o desejo.

Tuninha botou a mão na cabeça. As duas se deram as mãos e ficaram no peitoril do casarão esperando a chegada da filha. A menina se aproximou. Usava um avental branco de corpo inteiro. A vestimenta estava grudada de sangue seco. No contraste do vermelho no branco a imagem da filha não lhes era estranha. Mas agora uma faca se acendia por entre as manchas do sangue. Maria Teresa sorria. Chegou. Subiu no peitoril e se virou para o lajedo. Parou. Descansou e após uma pausa disse:

— Agora sou Filinha Mata-Boi.

Chula entrou por entre as mulheres lambendo suas pernas. Tuninha buscou Mané da Gaita com o olhar. A aparição da cachorra era sinal de que o músico se aproximava. Ainda do meio do lajedo arrastando a muleta, Mané gritou:

— Filinha matou boi no curral do coronel Amâncio!

Mariinha sentiu as pernas fraquejarem e não caiu porque foi amparada pela companheira até a mureta do peitoril.

— O que tu fez, Maria Teresa?

— Mamãe, eu matei um boi — a menina respondeu e caiu no choro.

As mães acolheram a filha. Levaram-na para o quintal. Mariinha se sentou com Maria Teresa num banco que arroteava o roseiral. Tuninha tomou a faca da menina, lhe tirou o avental e os descansou numa bacia embaixo do pé de ingá. Colheu na proximidade umas folhas de alecrim. Macerou o alecrim entre mãos e dispôs aquele remédio de modo que as três pudessem cheirar. Maria Teresa chorava como não chorou naquele dia. A menina chorava tão forte que as mães a seguravam como se o corpo da moça fosse partir. Ela era mesmo que uma rosa em grande ventania segurada pelas ramas.

Mané da Gaita alcançou o passadiço da cerca, viu a cena, mas não quis entrar. Se voltou para o peitoril e sentou no batente. Descansou a muleta de um lado, o tabuleiro do quebra-queixo de outro, tirou a gaita da boca e se botou a tocar. A música tomou o mundo. Maria Teresa redobrou o choro. As mães, os abraços. Chula se amaciava entre as pétalas caídas ao pé do roseiral. Botões da rosa branca apontavam nascimento.

Possuir um pé de rosa branca naquele lajedo só poderia mesmo ser história de mulher valente. Maria Teresa da Vazante, ou como a maioria a chamava, Filinha Mata-Boi, tinha o mais sublime roseiral de toda Mata Doce. Planta que teve tempos de seca, mas que o que mais sabia fazer era embelezar o mundo com seus cachos.

O soberano estava plantado na lateral da casa, e por seguidos anos não foi qualquer vivo que conseguiu avistar aquela formosura. No tempo do corte das ramagens, para se admirar aquele pé de rosa branca era preciso se chegar até a cerca, atravessar o passadiço, passar pela cachorrinha Chula, seguir pelo pé de ingá, não se distrair por entre a diversidade de plantas, para só aí se deparar com o roseiral. A rosa era recordação de mistério que Maria Teresa havia herdado de sua mãe, a professora Mariinha.

Mas quem alcançava enxergar aquele vestido de noiva, como muitos o chamavam, era encontro com o prazer, era parar em admiração. O roseiral de Filinha possuía galhos brotados de um caule denso cravejado de espinhos ossudos como se fossem nódulos de dor. As folhas eram de cor verde sumo e verde mais escuro, bem largas e aureoladas por espinhozinhos menores, que a qualquer breve aproximação pinicavam dedos e geravam feridas. Mas tinha as rosas. O cheiro. A vertigem dos cachos pesados. Mesmo que o sangue do dedo escorresse, deparar com aquele encanto aquietava a ansiedade e transformava toda a espera em alívio. Vista que se assemelhava com aquela sensação macia de brisa, que assopra de uma sombra, em meio de tarde quente na caatinga.

Filha Mata-Boi apreciava sua herança. Reverenciava suas mães. Guardava naquela jardinaria a Maria Teresa da Vazante que um dia quase foi. Com o roseiral vistoso, enramado, carregado de rosas, como estava, o tempo se distendia. Ela se lembrava das mães, e aquele cheiro macio dos botões se abrindo em flor era a presença delas. Mariinha e Tuninha estariam eternamente enrodilhando a filha entre pétalas.

Filha Mata-Boi era, agora, a velha do lajedo. Sua morada há muito já tinha deixado de ser a casa da professora Mariinha para ser a casa de Filinha Mata-Boi. Parada na balaustrada de seu lugar, Filinha encarava

o lajedo, sem rir, sem chorar, sem ver assombro, apenas sentindo a bafurada do tempo entrecortada pela brisa da saudade que chegava no cheiro dos botões que se abriam no roseiral. Era tão destacado aquele aroma que ele quase limpava a morrinha do sangue seco das unhas, dos braços e do avental de Filinha Mata-Boi, que de pé, sozinha, recostada àqueles talhes de madeira, figurava uma imagem de rejeição, valentia e pena. Imagem que se quebrava pela presença da Chula, a cachorrinha que era a assombração mais viva daquele casarão do lajedo de Mata Doce. Ela se intensificava com o assombro das ramagens do roseiral, que haviam voltado para o peitoril e que com liberdade, ou abandono, formavam uma faixa de mistério que aureolava o casarão e a imagem da mulher.

Seca, carregada de noventa e dois anos, ereta, com olho bem vivo, Filinha se apresentava vestida com calça de brim cáqui, vestido de estampa pequeninha floral verde, com mangas até o cotovelo e comprimento até os joelhos. O traje se completava com o avental branco que tinha nó no pescoço e na cintura e no pé um calçado do qual já não se distinguia detalhe pelas marcas do sangue. A frente de Filinha era toda ensanguentada. Naquela pausa, a velha repousava uma das mãos no bolso do avental e a outra, pendida, sustentava uma larga faca de corte. Havia chegado de uma manhã de abate. Tinha matado, sangrado, ordenado os exatos cortes de repartimento do animal e como de costume, no retorno à casa, havia parado naquela cerimônia de encarar o lajedo.

Era manhãzinha de sábado. Filinha vinha sentindo que lhe faltavam forças para sustentar as partes do boi na hora de destrinchar as carnes. A mulher já começava a avaliar que era tempo de parar. Pensava que se limparia daquele sangue. Mas ainda ouvia com orgulho o espanto das vozes ao saber da aparição de Filinha Mata-Boi, tantas décadas atrás. Ela se apegava a essa vaidade e ia seguindo.

Havia sido no alvorecer de um sábado a primeira vez em que, a contragosto de suas mães, ela tinha matado um boi e esbanjado valentia em Mata Doce. Foi no entardecer de um sábado que a menina Maria Teresa, em companhia de suas mães, plantou a mudinha daquele pé de rosa branca que, agora imenso, tomava o peitoril. Havia sido ao meio-dia de um sábado, ao sol a pino, que Maria Teresa da Vazante tinha se visto vestindo felicidade pela última vez.

Houve um tempo em Mata Doce que o sábado era dia de viagem para a feira de Santa Stella, cidadezinha mais próxima ao povoado. Nessa época Thadeu, filho dos Fontes, era quem fazia viagem para a cidade. Eles tinham uma caminhoneta e todo sábado iam vender farinha. Venâncio, o ferreiro de Mata Doce, aos sábados ia para Santa Stella como ajudante de Thadeu. Ele ajudava a carregar e descarregar os sacos de farinha e a apumar o tino do motorista.

Nesse período, quando alguém precisava de apoio, o contato em Santa Stella era a juíza, filha do Sales. A denominação de juíza era uma alcunha e não uma posse de lei. Um jeito que se deu para chamar legalmente aquela mulher da família dos Sales, que tentava resolver, para aqueles de Mata Doce, tudo que fosse sobre documento.

O casarão da família de Filinha Mata-Boi era o mais antigo do lugar. Ela morava no lajedo, de cara para as grandes pedras. Aquele gesto cerimonioso, de parar em frente à sua morada na chegada do matadouro, ainda toda ensanguentada, a enfrentar o lajedo, ficou sendo sua exposição de valentia. Movimento que Filinha desempenhava em ação de afugentar os abutres, aves de terra revoada, que em pouso pareciam gado e se vistos muito de perto se assemelhavam a homens brancos. Animais que a Mata-Boi passou a enfrentar depois daquele dia que se mirou no espelho, em desejo de esperança, mas viu a cegueira do brilho do sol a pino. Parada ali, nenhuma assombração poderia olhar duas vezes para aquela mulher e lhe roubar a festa.

Mas o tempo dela agora diferenciava. A senhora começava a sentir que não tinha mais controle sobre a ramagem das rosas que se estendiam até aquela balaustrada. No começo, ao regressar do matadouro com a faca do corte do boi em mãos, antes de parar em exposição de assombro, Filinha aparava as ramas do roseiral que teimavam em seguir caminho antigo. Mas agora a velha Mata-Boi deixava o crescimento de mão, e o altivo já havia voltado a ser como era naquele dia do grande acontecimento, todo enramado no peitoril.

Naquele dia, Maria Teresa da Vazante recolheu os cachos das rosas brancas para o terreno da lateral da casa e cortou toda a ramagem. No lugar de ver as rosas brancas da casa da professora Mariinha, se via a

imagem da mulher Mata-Boi que podia sustentar animal de porte na valentia. Mas naquele momento de trégua o cheiro dos botões espalhou sua força pelo terreiro do lajedo e uma ave pequena de arribação riscou suas vistas. A velha Filinha soltou os braços, tentou acertar a ave com a faca como se aquela imagem estivesse próxima a si. Não conseguiu, pois não estava. O tempo se derramou e a chuva lambeu o resto daquele sábado.

— É, é tempo chegado de recolher a faca — pensou e respirou fundo e entrou na casa pela porta do quintal, deixando a banda de cima aberta, presa por um pedaço de arame enroscado num prego. A banda de baixo da porta ela fechou na tramela.

Filinha estava sozinha. Todos os seus já haviam falecido, inclusive os inimigos. A cachorra apareceu à meia-porta como se pedindo entrada. Filinha destramelou a passagem e deixou Chula lhe trazer companhia. Chula rodou por entre suas pernas, Filinha alisou o animal pensando que aquela cachorrinha era a mesma fiel companheira de Mané da Gaita e, por instantes, por palavras e por desejos de sua saudade, quis que toda a sua gente ainda estivesse ali com ela.

— Chula, Chula — chamou a cachorra e se sentou no banco, repousando a faca ao lado. A cachorra ficou empezinha em suas pernas, lambendo seu rosto, lhe fazendo carinho, indiferente à morrinha do sangue seco que rondava a vida daquela senhora. Filinha sentiu um frio na espinha. Quis soltar Chula, mas abraçava a cachorrinha mais e mais. Quis fechar a meia banda aberta da porta do quintal, mas não quis se livrar do dengo. Sentiu frio. Se levantou de vez, afagando a cabeça de Chula. Colocou a faca numa bacia de alumínio sobre uma mesa de madeira e se voltou para remexer a brasa do fogão a lenha.

Era começo de inverno. Chula buscou seu lugar na beirada do fogão e se arrodilhou entre os panos que já ficavam no formato de seu querer. Filinha pegou a bacia e foi ao quintal, parou embaixo de um pé de ingá, arrumou a bacia num jirau, desatou os nós do avental e o pendurou num galho da árvore, recolheu água na cisterna e lavou a faca, o rosto, os braços e jogou a água daquela solidão no avental pendurado. Enfiou a faca no jirau e a cobriu com a bacia emborcada. Na parede da

meia-porta descalçou os sapatos. De entre as telhas puxou umas chinelas. Retornou à casa. Fechou as duas bandas da porta e se aquietou ao lado do fogão vendo a brasa vermelhar. A saudade que sentia de gente resfriava ainda mais o dia.

Chula ressonava. Filinha não queria mais comer. Era a mesma cachorra de Mané da Gaita, mas Chula não achava jeito de revelar isso a Filinha e se deixava por ali dando e recebendo comunhão. O dia gelava de tudo. A chuva bem fininha já era neblina que cristalizava o fundo da bacia, a faca não sentia frio pois ainda guardava a raiva daquela matança. No jardim do roseiral tudo se abria em novo broto. Dentro da casa Filinha pensava que talvez já não aguentasse mais um inverno, mesmo que aquela forte neblina sempre lhe tenha trazido prenúncio de coragem, mas agora alguma coisa nela secava e esmorecia. Chula já havia vivido momentos assim. Aquilo para a cachorrinha era apenas mais uma passagem do tempo.

Filinha olhava para a cachorra supondo que ela estava entendendo e concordando com seus pensamentos. E de fato estava. Chula lembrava que havia sido num dia mesmo desse que a felicidade tinha se achegado àquela morada. Foi o dia que Mané da Gaita recebeu o recado que deveria ir à casa da professora Mariinha tocar pois a filha dela havia chegado.

Maria Teresa da Vazante era filha de Mariinha da Vazante e de Tuninha da Vazante, que fazia uso orgulhoso do mesmo sobrenome da companheira. O sobrenome de Mariinha era reverência a Eustáquia da Vazante, sua avó, mulher que em fuga para a liberdade havia começado aquele povoado de Mata Doce.

Mariinha tinha sessenta e sete anos quando foi à cidade assinar os documentos de adoção de Maria Teresa. O carro de farinha parou na porta da casa da professora, que desceu da cabine de mãos dadas com Tuninha e com Teresa. Venâncio, que vinha em cima, estendeu às senhoras as sacolas da feira. Um cesto pequeninho ele entregou à menina. Ali dentro daquele embornal estava a muda da rosa branca. Maria Teresa da Vazante tinha oito anos quando foi a Santa Stella com as mães e ganhou aquele pezinho de rosa.

— É rosa branca, viu, igualzinho como o da tua bisavó Eustáquia da Vazante — disse Mariinha entregando o cesto à filha.

O casarão da professora Mariinha era conhecido em Mata Doce. Era casa de peitoril de madeira, coberta por telha vermelha e batente alto na porta, janelas ao redor de toda a casa, que era cercada por um largo terreno, nas laterais e ao fundo. Ali, no casarão do lajedo, moravam as três mulheres da Vazante, Mariinha, Tuninha e Maria Teresa.

Eustáquia da Vazante, avó de Mariinha, chegou primeiro àquele lugar por intermédio de gente que trabalhava no movimento de acolher o caminho de quem escapava para a liberdade. Ali, guardada com um machado, arma de sua proteção, ela tomou prumo e fez do casarão sede de amparo. A rosa branca era recordação de fé de Eustáquia. Lembrança de um roseiral, onde ela alimentava sua fé, que ficou pra trás na fuga. A senhora sempre contou esses casos à neta Mariinha e encerrava a história dizendo que um dia aquela planta voltaria para elas. No dia em que Mariinha chegou a Santa Stella para assinar os documentos de Maria Teresa e viu na porta do estabelecimento uma velha vendendo uma roseira branca, a neta de Eustáquia da Vazante não teve dúvida de que se dava ali um reencontro com a fé de sua avó.

3

Era tradição desde o tempo de Eustáquia que o padre de Santa Stella realizasse missa em Mata Doce, no terreno da frente do casarão. Esses acordos diziam de um jeito de conquistar proteção. Eustáquia ensinou a neta a sobreviver nesse jogo. E Mariinha havia trabalhado como professora em Mata Doce contratada pelo Colégio Sacramentina e Silva, que vivia, também, em comum acordo com a Igreja. Esse costume seguiu assim e foi num desses dias de missa de domingo, em Mata Doce, que se deu o reencontro das comadres Lai e Tuninha. Lai estava como ajudante do padre Américo, grávida. Havia sido expulsa do puteiro e o padre a acolhera. Lai reconheceu Tuninha de imediato. A travesti

ilustre demorou para reconhecer a mulher grávida, pois Lai era uma criança da última vez que se haviam visto.

— Eu te conheço — Lai foi logo dizendo. Tuninha supôs de onde seria, mas não quis crescer o assunto, porém a mulher deu seguimento e expôs sua situação. — Tuninha, eu não quero essa cria.

— Isso foi abuso?

Lai fez que sim com a cabeça e tornou a falar.

— Eu lembro de tu do puteiro. Fui tua comadre, lembra que tu me deu uma boneca de pano uma vez e brincou comigo da gente se apelidar de comadre?

Tuninha se lembrou de tudo. A criança já era uma mulher de tempo.

— Lai, eu sinto demais. Tenho um ódio tão grande por tudo isso.

— Me botaram pra fora. Estou com o padre Américo. Minha barriga está grande. Eu não tinha mais como esconder. Tentei três vezes me livrar dessa cria e não teve jeito. O homem é de força lá de Santa Stella, todo dia me ameaça. Estou sem saber como proceder. Minha vida acabou, o padre não pode me valer nessa situação.

— Lai, tu te acalma que vou conversar tudo com Mariinha e vamos arranjar um jeito de te ajudar.

— Não, isso que não quero, não, levar problema pra tua casa. Ela sabe do puteiro? E se julgar errado tu me ajudar? O povo daqui sabe da tua vida lá?

A mulher estava banhada em lágrimas. O padre se aproximou. Mariinha também.

— O que está se passando? — perguntou Mariinha, que tinha os olhos na barriga de Lai.

— Nada não — respondeu Lai.

— Comadre Lai é minha conhecida de Santa Stella, Mariinha, vi essa senhora menina, menor que um tamborete. Começamos a nos chamar de comadre por brincadeira quando ela era criança e eu lhe presenteiei com uma boneca de pano e ficamos acertadas assim que seríamos comadres nos cuidados daquela boneca. Tu entende, Mariinha, tudo isso era modo de enganarmos aquela vida.

Mariinha fez com a cabeça que entendia sim e se aproximou de Lai para lhe acariciar a barriga. Aquele gesto enchia Lai de repulsa.

O padre em piedade pela comoção da moça a livrou do incômodo daquele carinho.

— Lai, vem comigo agora ajeitar aqui umas coisas pra missa — e arrastando a grávida pela mão a tirou daquela pena.

A missa em Mata Doce acontecia de frente ao lajedo. O padre subia no peitoril e falava aos fiéis que salpicavam pelo terreiro. Naquele dia, após a missa, Tuninha quis se confessar. A senhora começou a fazer vários rodeios sem falar nada de exato. O padre ia entendendo que Tuninha queria fazer curva até chegar à gravidez de Lai e arrumava jeito de, em confissão, lhe pedir ajuda para ajustar o arranjo, delas ficarem com a cria. Mas o pároco não queria se ver envolvido naquele acordo. Tuninha entendeu a fuga e decidiu ir direto a Lai. A moça desvalida ouviu tudo e aquietou. Teve medo de prejudicar a senhora que em tempo passado tanto bem havia lhe feito. Lai se sentia como uma peça maldita, apodrecida. O carro do missionário abriu caminho de retorno até Santa Stella e Tuninha ficou do peitoril vendo sua ideia partir. Chula correu por entre elas. E aquilo fez Mariinha sorrir.

4

Tuninha vivia em Mata Doce, nunca mais queria voltar a Santa Stella. Mas naquele dia ela foi. Foram as três pegar os documentos de adoção de Maria Teresa, que agora era filha de Mariinha de papel passado. Tudo que era caso de providência de papel daquela casa quem realizava era Mariinha, pois apenas ela tinha documentos de existência. Mas agora a filha delas, Maria Teresa da Vazante, também tinha papel de comprovação de sua vida neste mundo. As três estavam radiantes. Tuninha vinha no carro pensando que faria um doce de mamão verde com coco para a sobremesa do almoço do domingo. As três tinham agradecimento a Luzia, a juíza, filha da família dos Sales, que tinha um menino da mesma idade de Maria Teresa, Zezito. Os Sales também